

Supremo Canto da humanidade

Linhares Filho

Morreremos, mas antes
teremos clamado e escabujado
em possessões, inquietudes, epilepsias.
E teremos construído
toda a nossa tragicomédia,
nossa obra, nossa ópera
nosso epinício, nossa elegia, nossa epopéia.
Morreremos, mas antes teremos
inventado todos os mitos e lendas
que nos reflitam, nos repliquem, nos expliquem,
e formulado todas as teorias
que nos prefixem, nos compliquem, nos impliquem.
E nos teremos cumprido
com riscos, salvagens e avarias.
Morreremos, mas antes
teremos desferido impropérios
e entoado descantes.

Cumprido, em terra, mar e espaço, rotas,
marcadas de triunfos e derrotas.
De volta, combalidos e insaciados,
nunca encontrando o fim e afirmando o Infinito,
meio vencidos, meio vencedores,
teremos, com suor, na História nos inscrito.

Morreremos, mas antes
teremos desencadeado movimentos
e, afinal, toda a arte produzida,
toda a ciência conquistada,
toda a linguagem transmitida
e toda a ação praticada
hão de constituir a nossa criação
apesar de inconclusa, interrompida...
Nossa inteiriça e única expressão.
Nosso primeiro e último cenário.
Daí que há de valer tudo isso
o nosso Canto de cisne,
nossa peroração e nosso orgasmo.
Nosso *consumatum est*.
Nosso imenso verso bombástico.
A ópera chegando ao arremate

com a orquestra no seu supremo estrondo.
O crepúsculo dos homens,
mas na apoteose ideal de um sol se pondo.

Morreremos, mas antes
teremos retirado os sons da pauta
e manejado a pena, o pincel, o compasso,
o esquadro, o camartelo, a câmara, o cinzel.
A máquina impelido e harmonizado o passo.
Brandido as armas e afinado o canto.
Com a ciência penetrado nos segredos
da vida e da natureza.
Morreremos, mas antes
teremos sido presas ou possessos
de todos os ventos e graças
e ondas fúrias,
e ardores e êxtases.

Ah, nosso grito talássico
emitindo nosso anseio
por sobre ilhas, vagalhões e rochedos...
Ah, lutas contra a doença, o vírus, a bactéria,
lutas contra a extinção da própria espécie...
Ah, nossa teimosia ideológica...

Ah, nossa angústia existencial
e nossa busca ontológica...
Nosso fervor, nosso furor,
nosso esplendor, nosso terror,
nosso clamor, nosso estertor...

Morreremos, mas antes
teremos competido
em maratonas, campeonatos, olimpíadas.
Teremos sido diabólicos e santos,
guardiões da flama de Prometeu
e herdeiros da tenaz esperança de Sísifo,
apesar de, como este, perseguidos
por toda a maldição do desespero.
Com Orfeu teremos descido aos infernos,
encantado a própria Morte com o nosso Canto,
e com Ícaro subido aos céus
não obstante o fracasso e desconcerto
das nossas asas de cera.

Morreremos, mas antes
teremos composto, através das idades,
toda uma sinfonia até à exaustão
dos sentimentos e dos músculos,

que em profusão há de exprimir aos astros
e à união dos elementos,
à Divindade e ao Infernal Poder
o para que viemos
e o para que não viemos,
a pena e a perplexidade,
o desencanto e o entusiasmo
e tudo o que, no fim da História
(já não mais registrada nem mais lida,
porém a ressumar em cada vida)
terá surgido do imo de nós mesmos,
dos íntimos arcanos.
A sinfonia há de exprimir a força,
todo o absurdo e toda a glória
de, sobre o caos ou sobre a ordem,
sermos humanos!